

AS CORES DO VESTUÁRIO E A SOCIEDADE MINEIRA SETECENTISTA

Gracinéa Imaculada. Oliveira¹

RESUMO: Este trabalho apresenta uma análise do campo semântico das cores do vestuário das Minas Setecentistas. Seu objetivo é identificar as principais características culturais, sociais e econômicas das Minas a partir do estudo do campo semântico das cores do vestuário. Embora as cores constituam um campo universal, cada língua as categoriza de forma particular. Essa categorização pode ser definida como uma classificação cultural de certo estímulo físico. Como classificação cultural, pode-se afirmar que as categorias lingüísticas não são nem coincidentes, nem equivalentes, já que a cultura é um conjunto complexo que caracteriza uma sociedade ou um dado grupo. Dentro desse contexto, este estudo se justifica na medida em que possibilita, através da análise de um campo semântico particular, explorar pontos de convergência entre língua e sociedade.

Para a execução do trabalho, foram coletadas lexias de cores do vestuário em documentos do domínio jurídico do século XVIII mineiro. Após a coleta, as cores foram agrupadas em campos semânticos e foram escolhidos para análise os campos que registraram 20 ou mais ocorrências de cores. Posteriormente foi feita uma relação entre as lexias das cores e a sociedade mineira dos setecentos. Através dessa correlação, percebeu-se - dentre outros fatos - que a sociedade mineira era agrícola e mineradora. Essa relação só foi possível por que o léxico é o nível da língua mais sujeito a influências externas. Por isso o estudo lexical permite enveredar-se pela história, costumes e estrutura de um povo.

PALAVRAS-CHAVE: cores; vestuário; Minas Gerais; século XVIII.

INTRODUÇÃO

As cores permeiam o dia-a-dia do homem e podem ser sentidas empiricamente. Do ponto de vista físico, cor designa luz, isto é, radiação de certo comprimento de onda. O olho humano é capaz de distinguir 700 tonalidades de cores (ROUSSEAU, 1980). A sensação de cor resulta não apenas da qualidade física da luz, mas também de processos fisiológicos na retina e no cérebro e das interpretações e respostas psicológicas a esses

¹ Mestranda em Estudos Lingüísticos na Faculdade de Letras da UFMG. Endereço para correspondência: Rua Rio Grande do Sul, 169 – Val Paraíso II – CEP.: 34.585-260, MG, Brasil. gracineoliveira@hotmail.com

processos (CONKLIN, 1973). Sem desprezar a importância das cores do ponto de vista físico, biológico e psicológico, o presente estudo focaliza a relação entre as cores e a sociedade mineira setecentista do ponto de vista lingüístico-cultural.

O campo semântico das cores constitui um campo lingüístico universal, embora “as línguas categorizem diferentemente as cores” (BIDERMAN; NASCIMENTO; PEREIRA, 2007, v.3, p. 106). Essa categorização pode ser definida como uma classificação cultural de certo estímulo físico, de sua recepção sensorial (CONKLIN, 1973) e subjaz à semântica de uma língua natural. Como classificação cultural, pode-se afirmar que “as categorias lingüísticas não são nem coincidentes, nem equivalentes” (BIDERMAN, 1998, p.92), já que a cultura é “um conjunto complexo que inclui conhecimentos, técnicas, tradições, e caracteriza uma sociedade ou um grupo dado” (RUSS, 1994, p.58). Essa categorização é histórica e culturalmente situada. Não se constitui de modo unilateral, mas num trabalho social, nas relações intersubjetivas entre os indivíduos (MARCUSCHI, 2003). Por esse motivo, o léxico funciona como um inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que despertam a atenção de uma comunidade (SAPIR, 1961).

Afirma-se que a categorização não é unilateral, mas construída nas relações intersubjetivas entre os indivíduos por que, neste trabalho, a língua é entendida como atividade,

como forma de ação, ação inter-individual objetivamente orientada, como lugar de interação que possibilita aos membros de um sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes (KOCH, 2004, p. 7-8).

Sendo assim, adota-se a concepção dialógica de língua na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais. Dessa maneira é possível entender que suas categorias mentais são construídas através da realidade sócio-histórica, da interação do

falante com outros membros da comunidade e com os objetos que fazem parte do dia-a-dia daquela sociedade. Afinal,

Essa concepção é muito importante para análise dos termos das cores desenvolvida neste artigo. Este estudo nasceu de uma pesquisa elaborada sobre o léxico do vestuário mineiro do século XVIII, tendo como *corpus* textos do domínio jurídico dos setecentos. Quando foi feita a coleta do vocabulário do vestuário, deparou-se com termos referentes a cores pouco comuns no século XXI. Partindo, então, da premissa de que o “processo de cognição e de apropriação do conhecimento assumiu formas distintas conforme as culturas, ou seja, os sistemas lexicais das numerosíssimas línguas naturais (vivas ou mortas)” (BIRDERMAN,1998, p.92), verificar-se-á qual era a visão de mundo da sociedade mineira setecentista a partir da categorização das cores do vestuário.

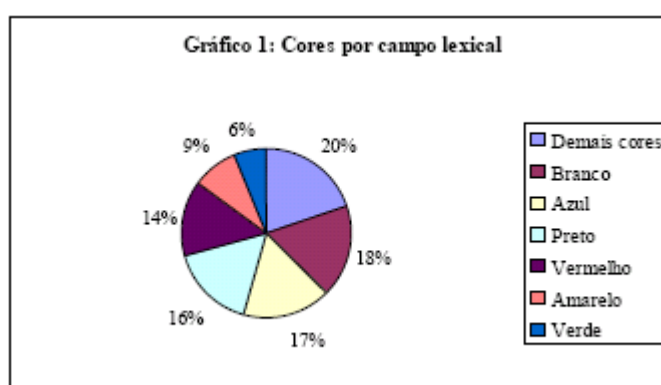
AS CORES DO VESTUÁRIO E A SOCIEDADE MINEIRA SETECENTISTA

O vestuário pode ser considerado a segunda pele do homem (NÉRET *apud* MIRANDA, 1998). Tendo as funções de ornar e proteger (FLÜGEL, 1966), ele funciona como uma forma simbólica de apresentação de si (ALÉONG, 2001). De uma maneira geral, o vestuário, e talvez mais ainda, as denominações (os termos que o designam) revelam as tendências diversas e visões opostas de uma época e de suas variações (HELLEGOUARC’H, 1978). Dentro desse contexto, é possível afirmar que as cores ligadas ao vestuário trazem, também, a visão de mundo de uma sociedade de uma determinada época, porque a variação de cores na indumentária está ligada a aspectos sócio-culturais.

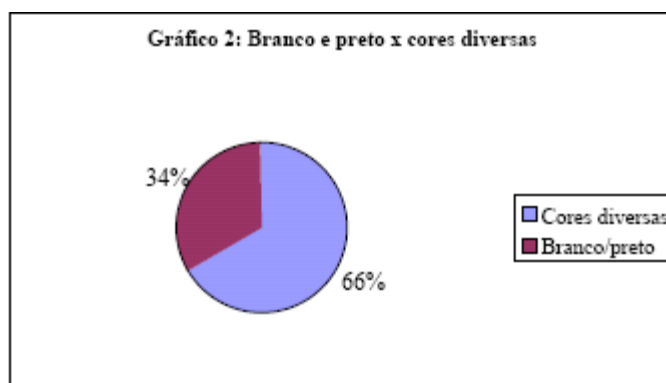
As espécies de cores nos vestuários são infinitas. Vão de cores simples (vermelho, verde, azul, etc.) a metafóricas (como musgo, por exemplo). O que torna interessante essa infinidade é a alta carga significativa que as cores carregam dentro do universo do vestuário (BARTHES, 1979, p.101). A variedade de termos relativos a cores encontrada nos textos que serviram de fonte a esta pesquisa mostra que a preferência, em Minas, era pelo colorido. É enorme a variedade de expressões utilizadas para se referirem às cores.

A seguir apresenta-se uma análise do campo semântico de cores do vestuário presente em um *corpus* de documentos setecentistas mineiros. Nesta análise, investiga-se esse campo semântico como um todo e depois por campos lexicais menores organizado em torno de cada uma das cores para as quais se encontrou 20 ocorrências ou mais. Outras cores foram ainda comentadas ao final deste trabalho em função da relevância de suas singularidades.

Observe-se inicialmente a distribuição geral do conjunto de cores identificadas na documentação analisada:



Na documentação investigada foram encontradas 415 ocorrências de vocábulos relativos a cores. As redes lexicais com maior representatividade foram a do branco (18%), do azul (17%), do preto (16%), do vermelho (14%), do amarelo (9%) e do verde (6%) — as demais cores representam 20% do total das ocorrências. À primeira vista, pode-se pensar que os mineiros não preferiam o colorido, visto que o branco e o preto lideraram a quantidade de ocorrências. Porém, quando se agrupam as cores em dois conjuntos² (branco/preto × cores diversas), verifica-se que branco/preto respondem juntos por 34% das ocorrências, enquanto as demais cores respondem juntas por 66 % das ocorrências, ou seja, predomina o conjunto das cores diversas:



De acordo com Lisanti (1973), no Brasil do século XVIII a preferência era de fato pela variedade de cores e não pelo branco/preto. Esse fato, de acordo com autor, confere imagem específica à população colonial. Lembrando que, nos setecentos, as mulheres tinham uma vida reclusa, as pessoas do campo viviam isoladamente e nos centros urbanos os habitantes dependiam sobretudo das comemorações religiosas para suas festas e reuniões, era de se esperar as pessoas se vestissem de forma menos chamativa e mais discreta. Entretanto, de acordo com Lisanti (1973), a preferência pelo

² O critério usado para colocar as cores branco e preto em um mesmo conjunto foi o de Barthes (1979) que os considera cores marcadas semanticamente no universo da moda.

colorido demonstra que os mineiros de então eram pessoas com uma forte afetividade/vivacidade.

Como a quantidade de ocorrências das cores branco/preto é relevante, convém dar-lhes igualmente atenção.

A cor preta ocorre sem combinação com outras cores. Seu uso está restrito à adjetivação de atributos físicos dos referentes, conforme o exemplo que se segue³: “Item hum calcão e jaleco de setim *preto* velho (...)”⁴. Mas uma ocorrência da rede semântica formada pelas designações de preto chama a atenção, pois é expressa de forma metafórica: “sete covados, e meio de druguete *cor de pulga* novo⁵”. Essa expressão remete, portanto, ao mundo animal e a ocorrência desse item no universo das cores leva a concluir que o contato entre as pessoas da época e os animais era muito intenso a ponto de a cor de um parasita servir de referência para uma certa nuance do preto.

A cor branca, porém, ocorre sem combinação com outras cores, combinada e ainda com adjetivos que lhe conferem tonalidade especial, conforme os exemplos que se seguem: “Item um barrete *branco* de cambraia bordado”⁶ “frontal de damasco *branco e vermelho* muito velho”⁷; “Mais hum jogo de fivelas de pedras *brancas emcarnadas*”⁸; “uma rede *branca* de algodão *anilada*”⁹, “uma vestia *branca de matizes*”¹⁰.

É importante lembrar que o branco remete a todo um universo relativo à pureza, à castidade, a virtudes em geral. Um exemplo claro dessa associação entre o branco e

³ A fim de diferenciar as referências dos textos teóricos e as dos documentos que serviram de *corpus* para este trabalho, indicam-se os dados destas últimas sempre em nota de pé de página.

⁴ CARTÓRIO DO PRIMEIRO OFÍCIO/BIBLIOTECA ANTÔNIO TORRES - maço 21, f.19r. Inventário de Felipe José Correa Lacerda, 1794; grifo nosso.

⁵ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p.280, grifo nosso.

⁶ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p. 225; grifo nosso.

⁷ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p.271, grifo nosso.

⁸ CARTÓRIO DO PRIMEIRO OFÍCIO/BIBLIOTECA ANTÔNIO TORRES – maço 52, f.6r. Inventário de Luiz Jozé de Figueiredo, 1793, grifo nosso.

algumas virtudes é o uso metafórico do adjetivo *honesto* indicando cor branca, como ocorreu no exemplo que se segue: “4 peças de lenços da Índia para tabaco cor onesta¹¹”. Embora não tenha sido possível recuperar o “tom” dessa cor em vários dicionários consultados, pôde-se depreender seu significado através de alguns versos do poema *À ilha da maré*, de Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711):

Os carás, que de roxo estão vestidos,
São Lóios dos legumes parecidos,
Dentro são alvos, cuja cor honesta
Se quis cobrir de roxo por modesta
(OLIVEIRA, 2005, p.134).

Com base nesse excerto, percebe-se que a cor *honesto* é o branco, visto que o cará por dentro tem essa cor. A presença desse tipo de designação de cor revela uma mescla entre cores e valores morais, o que demonstra uma sociedade com quadros de referência de ordem moral.

Outro uso diferenciado de branco é na expressão “roupa branca”, que ocorre quatro vezes nos documentos analisados. Nesse caso, “roupa branca” designa roupa de baixo ou roupa íntima, de cama e banho. Pode-se relacionar o branco dessa expressão ao fato de muitas roupas íntimas (como meias e lenços) e de cama e mesa (como toalhas, guardanapos e lençóis) serem de cor branca. Um aventureiro inglês - Semple Lisle - que passou pelo Brasil no século XVIII chegou a registrar em sua autobiografia comentários sobre a alvura das roupas íntimas usadas pelos brasileiros de então:

Usava roupa de baixo muito fina. E sempre tão asseada que esta circunstancia predispunha, do modo mais favoravel, o observador estrangeiro em seu favor quanto ao padrão elevado de sua civilização (...) Tal o effeito do sol e da pureza do ar ali que a roupa debaixo,

⁹ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p.269, grifo nosso.

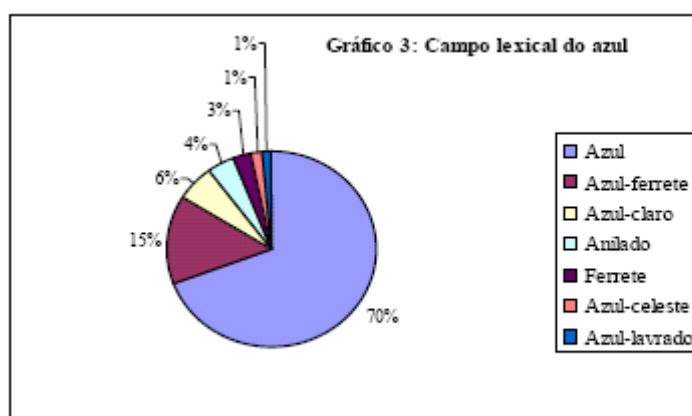
¹⁰ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p.266, grifo nosso.

¹¹ LISANTI, 1973, p.265.

daquella gente, assumia inimaginaveis tons de alvura (TAUNAY, 1933, p. 176).

Nesse caso, o branco está ligado à higiene – tanto da roupa quanto da pele. A limpeza sugerida pela roupa branca substituía a da pele o que, de acordo com Duby & Perrot (*apud* MIRANDA, 1998), fazia com que ela não apenas absorvesse a transpiração, mas fosse considerada benéfica à saúde. Seguem exemplos de roupas que existiam na cor branca: “*Roupa branca*: Tres camisas de bretanha uma delllas com babados de renda tres pares de meias (...) duas ceroulas de panno de Linho, mais uma recortada por baixo, oito fronhas com suas rendas¹²”. A expressão “roupa branca” dessa transcrição está à margem do texto, para indicar que a lista em questão se refere a esse tipo de roupa. “Mais hum almario de guardar *roupa branca* visto e avaluado em o preso de oito mil reis¹³”.

Em relação às demais cores, a rede semântica mais freqüente é a do azul, com 69 ocorrências, que correspondem a 17% do total geral das ocorrências no campo semântico das cores como um todo. Veja-se a distribuição das ocorrências da rede do azul no gráfico 3:



¹² BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p.267; grifo nosso.

O azul pode ocorrer de forma simples (“azul”), com marcação de tom (“anilado”) ou em compostos (com “celeste”, “claro”, “ferrete” e “lavrado”). Seguem alguns exemplos que mostram a variedade do campo semântico do azul: “Por hum vestido de pano *asul* forado debaeta da mesma cor embom uso¹⁴”, “uma rede branca de algodão *anilada*”¹⁵ “Huma capa de Durguete *azul ferrete* bordada de setim *azul lavrado*”¹⁶, “Item hum flaque de pano *azul claro* que avaliavam¹⁷”, “Um fraque de baeta cor de ros asecca forrado de serafina *azul celeste*”¹⁸. Com 12 ocorrências que correspondem a 3% do total geral das ocorrências no campo semântico das cores e a 18% do total de ocorrências na rede semântica do azul, o azul-ferrete e o ferrete merecem um comentário: essas cores designam um tom bem carregado de azul, quase preto (FERREIRA, 2004). O que chama a atenção é o vocábulo “ferrete” que designa um instrumento de tortura usado para marcar animais e escravos (FERREIRA, 2004). Ao se verificar que no campo semântico das cores há vocábulas simples ou compostos com itens ligados ao universo da tortura, da dor e do sofrimento, pode-se inferir que a prática de tortura física formava parte do quadro de referência da sociedade mineira dos setecentos.

A cor vermelha ocorre de forma simples (“vermelho”), através de marcação de tom (p. ex., “carmesim”) ou através de compostos (p. ex. m “cor-de-fogo”). A rede semântica do vermelho apresenta 60 ocorrências na documentação analisada, que correspondem a 14% do total geral das ocorrências no campo semântico das cores. Veja-se o gráfico 4:

¹³ CARTÓRIO DO PRIMEIRO OFÍCIO/BIBLIOTECA ANTÔNIO TORRES - maço 52, f.6r. Inventário de Luiz Jozé de Figueiredo, 1793; grifo nosso.

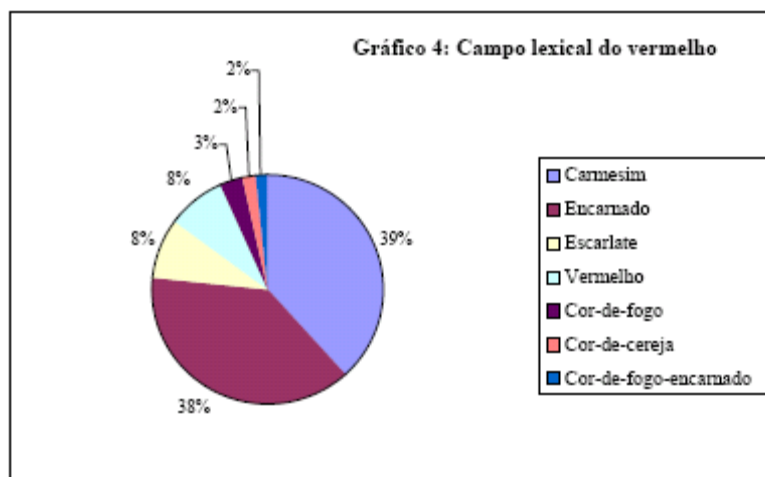
¹⁴ CARTÓRIO DO PRIMEIRO OFÍCIO/CASA DE BORBA GATO – n.17, f.3r. Inventário de Manoel Furtado Pacheco, 1739, grifo nosso.

¹⁵ BIBLIOTECA NACIONAL, v.5, 1936, p.269, grifo nosso.

¹⁶ CARTÓRIO DO PRIMEIRO OFÍCIO / BIBLIOTECA ANTÔNIO TORRES – maço 51, f.9r. Inventário de Luzia Thereza de Jesus, 1787, grifo nosso.

¹⁷ CARTÓRIO DO PRIMEIRO OFÍCIO / BIBLIOTECA ANTÔNIO TORRES – maço 21, f.20r. Inventário de Felipe José Correa Lacerda, 1794, grifo nosso.

¹⁸ BIBLIOTECA NACIONAL, v.5, p.453, grifo nosso.



A valorização do vermelho é um detalhe característico da indumentária no Brasil. De acordo com Barros (1947), está ligada ao sincretismo das três culturas que formaram a base do povo brasileiro: índia, branca e africana.

A influência indígena pode ser associada à herança mística de proteção contra as más influências, proteção essa que veio transformar em vestimenta a pintura do corpo com urucum (BARROS, 1947).

A influência européia também se faz presente na medida em que o vermelho já era cor muito freqüente no vestuário português desde a Idade Média. Marques (1964), ao estudar o jogo e a harmonia entre a combinação de opa e cota no vestuário feminino português medieval, mostra que a combinação de cor favorita para essas duas peças era verde e vermelho. Já no século XVI, o vermelho constava como cor predileta das classes altas na Europa, mas as classes intermediárias imitavam as classes altas tanto quanto o possível. Laver (2006) descreve um fato curioso sobre a Revolta de Camponeses na Alemanha em que uma das reivindicações dos revoltosos era a permissão para usar roupas vermelhas como seus superiores. No século XVIII, a moda francesa dominava toda a Europa (LAVÉR, 2006) e o vermelho foi uma das cores dominantes nesse período (HELLEGOUARC'H, 1978). Como o Brasil era colônia

portuguesa e não tinha indústria têxtil, todo o material do vestuário era importado da Europa. Sendo assim, a valorização do vermelho foi trazida pelos portugueses e alimentada nos setecentos pelo comércio exterior e pela educação européia recebida pelos filhos da elite.

A influência africana se deve ao fato de que, nas sociedades negras da África, as cores estavam associadas a elementos da natureza. O vermelho, especificamente, associava-se ao fogo (MÓL, 2002) — segue um exemplo em que o vermelho aparece associado a “fogo” e “encarnado”: “6 pecas de picaros e fitas de largura de 1 dedo athe 2 estas seião sortidas de *cor de fogo encarnadas* e azuis e cor de ouro e amarellas¹⁹”. Para Zahan (*apud* Mol, 2002), o vermelho era a cor mais importante, por se opor às tonalidades suaves e por ser a mais viva e brilhante, conferindo ao seu usuário destaque social. Seguem alguns exemplos que ilustram a riqueza de ocorrências das lexias do campo semântico do vermelho no *corpus* estudado: “Um vestido *Carmesim* de panno forrado de amarello e Caseado de ouro com vestia e calção do mesmo²⁰”, “item um dito [jaleco] de panno *escarlate* espeguilhado de prata²¹”, “50 fios de coral finos bem *vermelhos* engrazados em prata falca²²”.

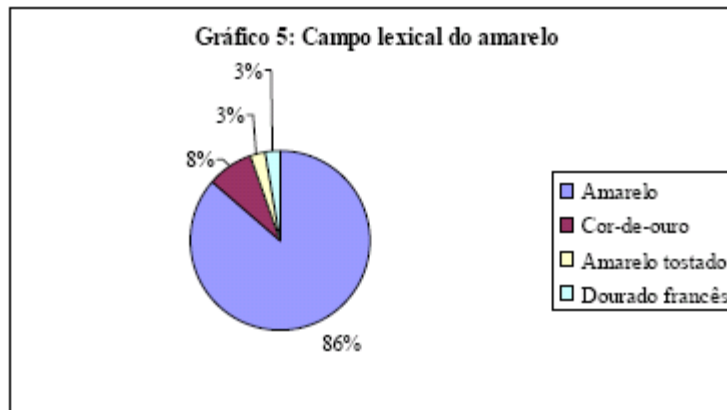
A cor amarela ocorre de forma simples (“amarelo”), com marcação de tom (p. ex., “amarelo tostado”) ou através de compostos (p. ex. “cor-deouro”). O rede semântica do amarelo apresenta 37 ocorrências, que correspondem a 9% do total geral das ocorrências no campo semântico das cores. Veja-se a distribuição de suas ocorrências no gráfico 5:

¹⁹ LISANTI, 1973, p.265, grifo nosso

²⁰ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p. 265, grifo nosso.

²¹ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p. 323, grifo nosso.

²² LISANTI, 1973, p.265, grifo nosso.



Um aspecto interessante dessa rede semântica é a referência ao universo dos metais preciosos. A referência ao ouro no campo semântico das cores é um exemplo da importância desse metal na fixação e ocupação das Minas pelos europeus e pelos africanos que foram trazidos como mão-de-obra escrava para os serviços de mineração, conforme explica Anastasia (2005, p.30):

Uma vez descoberto o metal, a ocupação da área se deu de forma aleatória, de acordo com os achados do metal. Apesar das condições topográficas adversas e das distâncias, às descobertas do final do século XVII se seguiu um vertiginoso deslocamento de pessoas para a região, sem precedentes na América Portuguesa. A corrida do ouro, com seu ritmo acelerado, chegou a se constituir em ameaça de despovoamento e desequilíbrio econômico para vários pontos da América Portuguesa e do próprio Reino (...).

A ocorrência de designação de cor associada ao ouro apenas reforça a ideia de Sapir (1969) de que o léxico de uma língua é o que mais reflete o ambiente físico e social dos falantes. Em relação ao ambiente físico, é importante ressaltar que, para esse autor, reflete não o mero ambiente onde o falante se encontra, mas o interesse do falante por algum aspecto daquele ambiente. Seguem alguns contextos de ocorrência de tais itens: “6 duzias ditos [chapéus] ordinarios irlandezas aonde entrem alguns acaixellados de

retrozesvermelho e *amarello* e *cor de ouro* e azuis feretes²³”; “6 duzias de meias de seda para molheres encarnadas e azuis e *cor de ouro*²⁴”; “6 pecas de picaros e fitas de largura de 1 dedo athe 2 estas seião sortidas de cor de fogo encarnadas e azuis e *cor de ouro e amarellas*²⁵”.

O dourado francês remete à influência da cultura francesa na Colônia – veja-se o exemplo de ocorrência: “item outro espadim de prata *dourado francez*²⁶”. Padre Antonil já registrava, no século XVIII, a grande importação de produtos franceses quando afirmava que para as Minas dos Cataguás os mercadores traziam uma variedade enorme de mercadorias, incluindo mais de “mil bugiarias de França que la [Minas Gerais] também foraõ dar” (ANTONIL, 1968, p.140).

O amarelo tostado que ocorre na frase “item um vestido, de casaca vestia e calção de sêda *amarela tostada*²⁷” ocorre apenas uma vez. O segundo item dessa lexia composta é o particípio do verbo “tostar” que indica crestar, queimar superficialmente, além de dourar -geralmente pratos assados (FERREIRA, 1993, p.540). Ele remete ao universo do fogo, do sol, o que - de certa forma - possibilita deixá-lo na fronteira com o vermelho.

Por fim, a cor verde ocorre de forma simples (“verde”), com marcação de tom (p. ex., verde-periquito”) ou através de compostos (p. ex., “cor-de-azeitona”). A rede semântica aparece com 25 ocorrências, que representam 6 % do total geral das ocorrências no campo semântico das cores. Veja-se a sua distribuição no gráfico 6:

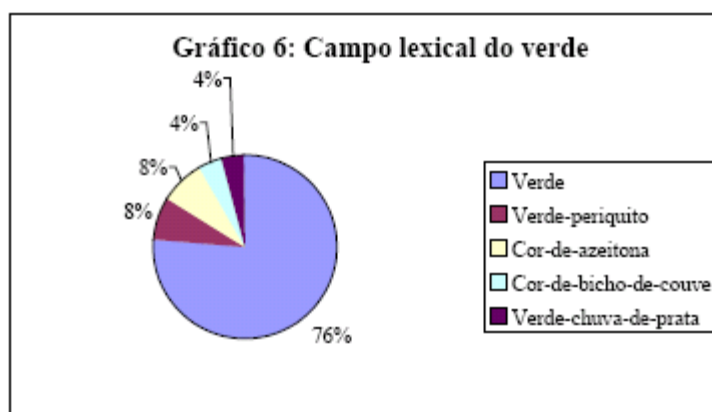
²³ LISANTI, 1973, p.265, grifo nosso.

²⁴ LISANTI, 1973, p.265, grifo nosso.

²⁵ LISANTI, 1973, p.266, grifo nosso.

²⁶ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p.309, grifo nosso.

²⁷ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p.310, grifo nosso.



Os dados com marcação e tom e os compostos dessa rede remetem ao mundo anil, ao mundo vegetal, a fenômenos da natureza e a metais preciosos como pode ser coneridos nos exemplos que se seguem: “item um dito [vestido] de belbute lavrado casaca e vestia de druguete *verde periquito*²⁸”, “Item uma casaca; e vestia de panno *cor de azeitona* forrada de setim cor de rosa²⁹”, “item outra casaca e calção de sêda *côr de bicho de couve* com vestia de setim branco bordada³⁰”, “um vestido inteiro de Seda de Cabaya verde, com vestia e calção tambem *verde de chuva de prata*³¹”. A partir desses itens é possível constatar que, no quadro de referência da sociedade mineira dos setecentos, ocupavam especial lugar elementos da natureza.

Como dito antes, além da redes semânticas já comentadas aqui, há um conjunto de ocorrências que foram agrupadas na categoria *demais cores* e que incluem os dados de redes com frequência inferior a 20 ocorrências. Apesar de sua baixa frequência, algumas dessas ocorrências merecem ao menos um comentário.

a) *Cor de pérola*: Ocorre 3 vezes no *corpus* analisado. Apresenta uma rica combinação com outras cores e mesmo objetos, além de remeter ao mundo das jóias,

²⁸ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p.311, grifo nosso.

²⁹ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.6, p.24, grifo nosso.

³⁰ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p.310, grifo nosso.

fato comum numa sociedade que foi fundada através do garimpo e que mostra a fixação do mineiro pelos metais e pedras preciosas — exs.: “um cinto de setim *cor de perola* bordado de palheta de ouro³²”, “item um jaleco de setim *côr de perola* espeguilhado de prata já usado³³”, “emeyasde seda *cor de perola*³⁴”.

b) *Areia*: Ocorre uma vez apenas e também se refere ao mundo mineral — ex.: “Item hum xapeo de sol coberto de olanda *area* uzado³⁵”.

c) *Cor de chumbo*: Também ocorre apenas uma vez, mas chama a atenção por referir-se igualmente ao mundo dos metais — ex: “Um vestido de pannocordechumbo com calssam domesmo evéstia³⁶”.

d) *Cor de bicho-de-cana*: Novamente caso que ocorre somente uma vez. Destaca-se por referir-se a um só tempo aos mundos animal e vegetal. — ex: “Um fraque de chita amarellada com sua vestia todo forrado de tafetá *cor de bicho de canna*³⁷”.

e) Cor de canela, cor de flor de pessegueiro, cor de rosa seca, cor de rosa seca desmaiada: excetuando “cor de rosa seca” que aparece três vezes, há apenas uma ocorrência para as demais cores deste parágrafo. Todos esses itens se relacionam ao mundo vegetal. Cor de canela relaciona-se, também, ao universo da alimentação — nesse caso, há uma interrelação entre cor, plantas e alimentos, além de referir-se ao mundo das fragrâncias. O interessante é que nenhum desses elementos do mundo vegetal (canela, pessegueiroa e rosa) é oriundo do Brasil: todos foram introduzidas pelos europeus. Cor de flor de pessegueiro, cor de rosa seca e cor de rosa seca

³¹ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p.266, grifo nosso.

³² BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p.354, grifo nosso.

³³ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p.323, grifo nosso.

³⁴ CARTÓRIO DO PRIMEIRO OFÍCIO/ BIBLIOTECA ANTÔNIO TORRES – n.9, f.3r. Inventário de Manoel Dias Borges, 1734, grifo nosso.

³⁵ CARTÓRIO DO PRIMEIRO OFÍCIO/ BIBLIOTECA ANTÔNIO TORRES – maço 33, f.11v. Inventário de Joze Ribeiro da Silva, 1977, grifo nosso.

³⁶ CARTÓRIO DO PRIMEIRO OFÍCIO/ CASA DE BORBA GATO – n.9, f. 4v, Inventário de Manoel Dias Borges, 1734, grifo nosso.

desmaiada têm em comum o fato de remeterem ao campo das flores e os dois últimos dão um tom poético às cores. Exemplos: “Item hum vestido e Jaleco de pano *cor de canella*³⁸”, “item um dito calção e vestia sem mangas de seda *cor de flor de pecegueiro* tambem bordada de retroz verde e botões de palheta de furta-cores³⁹”, “Um fraque de baeta *cor de rosa secca* forrado de serafina azul celeste⁴⁰”, “Um dito [fraque] de baetão *cor de rosa secca desmaiada* forrada de Duraque Preto e bordado de velludo preto galões e gola do mesmo⁴¹”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise do campo semântico das cores do vestuário, percebe-se que a sociedade mineira dos setecentos era uma sociedade rural e mineradora. Uma sociedade rural tem seu universo vinculado às estações do ano (elementos do clima), aos animais (domésticos, parasitas, etc.), aos vegetais (flores, frutas, hortaliças) e aos grãos e foi possível perceber que há cores na documentação setecentista que remetem a esse mundo rural. Embora a historiografia tradicional tenha enfatizado que a mineração foi a atividade quase que exclusiva do período colonial mineiro, alguns pesquisadores, como Guimarães & Reis (2007), questionam essa posição: para eles, em Minas desenvolveu-se uma agricultura mercantil e escravista, que foi estimulada principalmente pelas crises da atividade mineradora. A presença, de certa forma abundante, de vocábulos de cores que remetem ao mundo rural/agrícola corrobora a afirmação desses dois pesquisadores.

Mas não é possível negar a importância do garimpo para a sociedade setecentista mineira. No próprio nome do Estado – Minas Gerais – há referência explícita à

³⁷ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p.453, grifo nosso.

³⁸ CARTÓRIO DO PRIMEIRO OFÍCIO/ BIBLIOTECA ANTÔNIO TORRES – maço 21, f.19v, Inventário de Felipe José Correa Lacerda, 1794, grifo nosso.

³⁹ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p.322-323, grifo nosso.

⁴⁰ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p.453, grifo nosso.

atividade que propiciou o seu surgimento e desenvolvimento. No campo semântico das cores do vestuário é possível rastrear as marcas do garimpo através de itens que remetem ao mundo mineral, como “ouro”, “areia” e “chumbo”. Ilustram a importância do garimpo para a economia mineira de então as seguintes palavras de Paula (2007, v.1, p.279):

À mineração aurífera devem-se atribuir certas características centrais de Minas Gerais: (a): a disseminação das ocorrências auríferas determinou a rapidez e a amplitude da larga ocupação do território; (b) as quantidades produzidas e os preços do metal precioso vão determinar intenso fluxo imigratório para a região, que vai torná-la, em pouco tempo, a mais populosa Capitania da colônia, quadro que se manterá no período imperial; (c) a lucratividade e o dinamismo da atividade vão determinar que seja em Minas Gerais a concentração do maior contingente de escravos da América Portuguesa (...).

Através do presente estudo foi possível constatar que a análise do campo semântico das cores do vestuário contribui para a identificação dos traços culturais, sociais e econômicos da sociedade mineira setecentista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALÉONG, Stanley. Usos, julgamentos e prescrições lingüísticas. IN: BAGNO, Marcos. *Norma lingüística*. São Paulo: Loyola, 2001.

ANASTASIA, Carla Maria Junho. *A geografia do crime: violência nas Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Paris: Institut des Hautes Études de L'Amérique Latine, 1968. (Edição bilíngüe: português/francês).

⁴¹ BIBLIOTECA NACIONAL, 1936, v.5, p.453, grifo nosso.

BARROS, Sigrid Porto. A condição social e a indumentária feminina no Brasil-Colônia. *Anais do Museu Histórico*, Rio de Janeiro, n.VIII, p.117-154, 1947.

BARTHES, Roland. *Sistema da moda*. São Paulo: Nacional; Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. Título original: *Systeme de la mode*.

BIBLIOTECA NACIONAL. *Autos de devassa da Inconfidência Mineira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1937.

BIDERMAN, Maria Tereza; NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do; PEREIRA, Luísa Alice Santos. Uso das cores no português brasileiro e no português europeu. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. III. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

BIDERMAN, Maria Tereza. Dimensões da palavra. *Filologia e lingüística portuguesa*, n.2, São Paulo: Humanitas. FFLCH/USP, 1998. p. 81-118.

CONKLIN, Harold C. Color categorization. *American Anthropologist*, New Series, [S.l.], v. 75, n. 4, p. 931-942, 1973. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em: 21 dez. 2007.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.11a*. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004.(Disponível em *cd room*).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FLÜGEL, J. C. *A psicologia das roupas*. São Paulo: Mestre Jou, 1966

GUIMARÃES, Carlos Magno; REIS Flávia Maria da Mata. Agricultura e mineração no século XVIII. In:RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLATA, Luiz Carlos (Orgs). *História de Minas Gerais: As Minas Setecentistas*. v.1.Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do tempo, 2007. 2 v. p.321-335.

HELLEGOUARC'H, J. Quelques termes relatifs a la mode féminine au cours de la révolution de 1789. *Cahiers de Lexicologie: revue internationale de Lexicologie et Lexicographie*, Paris, n.33, 1978.

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LAVER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LISANTI, Luis. *Negócios coloniais: uma correspondência comercial do século XVIII*. Brasília: Ministério da Fazenda; São Paulo: Visão editorial, 1973. 5v.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. O léxico: lista, rede ou cognição social? (reformulado)
In: V CICLO DE SEMINÁRIOS EM PSICOLOGIA COGNITIVA COGNIÇÃO E LINGUAGEM, 5, 2003, Recife.

MARQUES, A. H. de Oliveira. *A sociedade medieval portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa editora, 1964.

MIRANDA, Andréa Cristina Lisboa de. *O traje dominante: do papel social da indumentária no barroco joanino enquanto forma expressiva de comunicação*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

MÓL, Cláudia Cristina. *Mulheres forras: cotidiano e cultura material em Vila Rica (1750-1800)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2002.

NÉRET, Gilles. *Arte erótica*. Tradução de Paula Simões. Lisboa: Benedikt Taschen, 1994.

OLIVEIRA, Manuel Botelho de. *Poesia completa: música do parnasso, lira sacra*. Introdução, organização e fixação de texto de Adma Muhana. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Col. Poetas do Brasil).

PAULA, João Antonio de. A mineração de ouro em Minas Gerais do século XVIII. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLATA, Luiz Carlos (Orgs). *História de Minas*

Gerais: As Minas Setecentistas. v.1. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do tempo, 2007. 2 v. p.279-301.

ROUSSEAU, René-Lucien. *A linguagem das cores: energia, simbolismo, vibrações e ciclos das estruturas coloridas*. São Paulo: Pensamento, 1980.

RUSS, Jacqueline. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Scipione, 1994. Título original: *Dictionnaire de philosophie*.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência: ensaios*. Tradução de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1969.

TAUNAY, Affonso de E. *Visitantes do Brasil Colonial (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

ZAHAN, Dominique. O homem e a cor. In: POIRIER, Jean (org.). *História dos costumes: o tempo, o espaço e os ritmos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1988. p-93-95.